

CAPÍTULO 1

Introdução: as incertezas e os fatos

“Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas, tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior ao deles” (Hebreus 1.1-4).

O documento perante nós nos apresenta várias questões para as quais não dá respostas precisas:

- Quem o escreveu?
- A quem foi dirigido?
- Onde foi escrito?
- Quando foi escrito?

Nestes capítulos, no entanto, há também muitas verdades do evangelho afirmadas com clareza – os fatos do evangelho de Cristo:

- Cristo, o Filho de Deus, é o supremo Porta-voz de Deus, melhor do que os profetas do Antigo Testamento e melhor do que os anjos.
- Cristo é mais glorioso do que Moisés.
- Cristo é o Sumo Sacerdote, que mediou uma nova aliança e fez um sacrifício de valor supremo que efetuou a salvação eterna para os homens – Ele realizou “a purificação dos pecados” (1.3).

1. A NATUREZA DO DOCUMENTO

Em Bíblias mais antigas, o livro tinha o cabeçalho: “A carta de Paulo aos hebreus”, mas, mais recentemente, isso foi alterado para: “A carta aos hebreus”, ou ainda mais simples: “Hebreus” (NVI). A versão NVI pode refletir certa dúvida em relação ao documento ser ou não ser uma carta.

Claramente, o documento é uma principal explicação da verdade cristã, particularmente no fato de essa verdade se relacionar com as crenças e práticas judaicas básicas. É também eloquentemente persuasiva, incitando os leitores a continuarem a seguir a Cristo em vez de voltar para o judaísmo. Trata-se, portanto, de uma combinação de exposição e exortação (cf. 13.22b) e, em alguns pontos, parece um sermão.

O documento difere das cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas, as quais começam identificando o autor e os destinatários. Hebreus, como 1João, lança-se diretamente em afirmações doutrinárias. No entanto, 1João termina com um apelo direto aos leitores, o que certamente indica que o livro foi escrito como uma carta – “Filhinhos, guardem-se dos ídolos” (1João 5.21). Em Hebreus, dois capítulos que

aplicam seus ensinamentos (12.1-13.21) são seguidos por um parágrafo que começa com uma exortação (13.22) e prossegue com notícias sobre Timóteo e uma saudação geral, antes de culminar numa bênção – “A graça seja com todos vocês” (13.22-25). Novamente, isso sugere fortemente que Hebreus é uma carta, uma carta decididamente doutrinária, com o propósito de fortalecer a fé dos leitores.

2. A IDENTIDADE DO ESCRITOR

No capítulo 2, versículo 3b, o escritor afirma que a salvação anunciada primeiramente pelo Senhor, isto é, o Senhor Jesus Cristo, “foi-nos confirmada pelos que a¹ ouviram”. Isso nos diz que o escritor não foi um dos 12 apóstolos, e provavelmente não era Paulo, que afirmou ter recebido o seu evangelho de uma revelação direta e especial do Senhor, sem consultar “pessoa alguma” (Gálatas 1.16; cf. 2.6-10²).

Cerca de 96 d.C., Clemente de Roma escreveu uma carta para a igreja de Corinto em que citou alguns versículos de Hebreus sem indicar quem ele acreditava que o tinha escrito. Hermes, o escritor de outro documento antigo – *O pastor* – também citou Hebreus sem mencionar o seu autor.³ Os primeiros escritores cristãos do Oriente, incluindo Irineu, bispo de Lyon, no final do século II, e Tertuliano de Car-

¹ Uma tradução literal da versão do autor (NIV) seria: “...foi-nos confirmada pelos que *O* ouviram”, certamente referindo-se a Cristo – nota da editora.

² Paulo indicou que recebera confirmação dos apóstolos de que o que ele pregava era o verdadeiro evangelho. Ele insistia que “tais homens nada acrescentaram” a sua mensagem (Gálatas 2.1-10).

³ Alguns identificaram este autor com o Hermes mencionado em Romanos 16.14, mas é mais provável que ele tenha escrito no início do século II, e que tenha sido posterior a Clemente e, portanto, tarde demais para ser o homem mencionado por Paulo décadas antes.

tago, no Norte da África, no início do século III, seguiram o exemplo e não mencionaram o nome do autor.

Contudo, uma reivindicação de que Paulo escrevera a carta surgiu em Alexandria, por volta de 180 d.C., quando um mestre chamado Panteno sugeriu que se tratava da carta de Paulo mencionada em 2Pedro 3.15. Um discípulo desse homem, Clemente de Alexandria, escrevendo no início do século III, é citado por Eusébio⁴ (c. 260-c. 340) como argumentando que Paulo era o autor e que, visto que ele era o apóstolo aos gentios (Gálatas 2.8; etc.), ele não usou a sua forma habitual de se referir a si mesmo – “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo” – ao escrever para os judeus.

Clemente observou que o grego de Hebreus era mais polido que o de Paulo e era semelhante ao grego empregado no Evangelho de Lucas e em Atos. Ele pensava que Paulo havia escrito a carta em hebraico e que o seu companheiro, Lucas, a traduzira para o grego.

Eusébio também citou Orígenes (c. 185-c. 254), um erudito da Bíblia que vivia em Alexandria, como argumentando que, embora os pensamentos sejam apostólicos e possivelmente de Paulo, a linguagem é de outra pessoa, cuja identidade, como a do autor, “só Deus sabe”.

A atribuição da carta a Paulo e a opinião de que ela foi traduzida para o grego por Lucas, ou outra pessoa, foram aceitas em Roma e no Oriente, no século IV. Isso persistiu em toda a Igreja através dos tempos medievais até a Reforma, no século XVI.

Na Reforma, Lutero, seguido por Calvino e outros, rejeitou a autoria paulina. Lutero sugeriu que o escritor fosse Apolo, e

⁴ Eusébio, conhecido como o pai da história da Igreja, tornou-se bispo de Cesareia por volta de 315.

Calvino julgava que era Lucas. Não obstante, alguns eruditos protestantes e católicos mantiveram a opinião pré-Reforma, pelo menos até o século XIX. Então, o foco da discussão se concentrou no estilo e na linguagem da carta, considerados diferentes dos de Paulo. Alguns consideravam as diferenças exageradas e argumentavam que o capítulo 13 parece particularmente paulino. Certos até pensaram que Paulo pode ter adicionado esse capítulo ao trabalho de outra pessoa.

No caso de Lucas, o fato de que, no final de Colossenses, ele é mencionado separadamente dos companheiros judeus de Paulo (Colossenses 4.11-14) sugere que ele era gentio e, portanto, é pouco provável que tivesse o conhecimento detalhado dos rituais judaicos que o autor da carta exhibe. Todavia, isso não exclui a possibilidade de Lucas ter traduzido um original hebraico para o grego.

Além de Paulo e Lucas, Barnabé (Tertuliano), Apolo (Lutero), Silas, Timóteo e mesmo Áquila e Priscila foram sugeridos. Há argumentos a favor e contra cada um deles, mas nas informações disponíveis para nós não há uma resposta definitiva para a questão da identidade do autor. Permanece válido o comentário de Orígenes que “só Deus sabe” o escritor ou o possível tradutor. Podemos dizer, portanto, que a carta é anônima. Quem quer que o autor tenha sido, conhecia os pontos fortes e fracos dos seus leitores e os perigos que os cercavam.

3. A IDENTIDADE DOS PRIMEIROS DESTINATÁRIOS

Como já foi observado, também não há qualquer indicação no documento que permita identificar os seus destinatários imediatos. O título “Aos hebreus” (em grego, *pros hebraious*) não faz parte do documento e foi anexado a ele no